

EBN, Pólo, Polêmica

Descentralizar a produção, significa criar pólos cinematográficos. E essa é a grande meta de quantos fazem cinema por aqui. Quem já se interessou pela história do cinema em Brasília, sabe que por essas bandas já floresceram os mais belos sonhos. Paulo Emílio criou na Universidade de Brasília um curso de cinema que poderia ter gerado a mais renovadora escola cinematográfica do país. Por trás dele, estava Pompeu de Souza e seu projeto de criar a Faculdade de Comunicação de Massa, que contaria com uma Central de Produção de Cinema, Televisão, Rádio e Jornal. Para equipar este projeto, contava-se com a infraestrutura da Rádio-TV Nacional. Foi tudo por água abaixo com a demissão de Pompeu e o fim do projeto original da UnB. Mas a idéia não morreu. Veio Vladimir Carvalho. E com ele, a idéia de se criar um centro de documentação cinematográfica, ou seja, estudantes de cinema e cineastas radicados em Brasília, documentariam o Centro-Oeste, ou seja, a região que cerca Brasília. O paraibano ainda não conseguiu concretizar seu sonho. Mas filma sem cessar. Documenta os marmeleiros de Luziânia, os poemas de Cora Coralina, os quadros de areia de Goiandira, a Feira de Troca de Olhos D'Água. E no seu rastro, vieram Marcos Mendes e "Seu Ramulino" um ser ecológico que vive em Formosa, Zuleika Porto e seus temas brasilienses, George Diab e seu Boi do Teodoro, Sérgio Moriconi e a Ceilândia de Carolino Leobas, a turma da Pedra (Pedro Anísio, Marcelo Coutinho e João Facó) com o folclore político do Congresso Nacional, a as greves de trabalhadores candangos, a visita do Papa ao Planalto. Não dá para citar todos os que brotaram da árvore-Vladimir. E há que se registrar que paralelo a ele, estão outros professores da UnB: Pedro Jorge chegou a Unai com "Dona Maria, a Louca"; Geraldo Moraes (que vai fazer um longa no Araguaia) documentou a massificação cultural de Luziânia, e Geraldo Sobral

registrou Brasília-Ano X. Reunido, este material compõe, querendo ou não, a semente do Centro de Documentação Cinematográfica pregado por Vladimir.

Muita gente, porém, vê no ato de se cobrar a fixação de um pólo cultural em Brasília, uma atitude provinciana. Nativista e questais. Há que se correr este risco. Senão a história de Brasília e adjacências não será conta, contada. O que ficou da implantação da cidade? Onde está o registro cinematográfico da epopéia que foi construir este monumento? Só resta Brasília Segundo Feldman, que Vladimir recriou magistralmente. (O resto está nos arquivos mortos da Novacap).

Todos estes temas vêm sendo pesquisados com maior profundidade (e nenhum recurso financeiro) pelo Núcleo de Cinema e Fotografia do Cuca. E se agora eles voltam a ser levantados, é porque existe algo de novo no reino do Planalto: precioso equipamento cinematográfico da EBN deverá mudar de mãos. Para onde vai? Ninguém sabe. A Embrafilme quer o equipamento. Ótimo. Pior se por ele se interessasse o serviço nacional de informação de Eldorado (Glauber me empresta aqui o seu país). Acontece que a Embra ainda não descobriu que a descentralização da produção cinematográfica é o ovo de Colombo. Se ela adquirir o equipamento, é sinal de que ele irá voando ou "estradando" para o Rio. E Brasília ficará novamente a ver navios. Bem, navios não, aviões! Parece que o equipamento é superior às necessidades de Brasília. O que fazer então? Bem, distribui-se tal equipamento entre Brasília (e na prática estará criado o Pólo Cinematográfico) e outros estados que necessitam dele. (De saída, sabe-se que o pólo baiano e nordestinos outros, vibrarão). Ao que me consta o parque cinematográfico do eixo Rio-São Paulo já está bem equipado. Quanto mais melhor. O que não dá, é para despir um santo, e cobrir o outro com mantos de ouro.